

LeCorbusier *O Pai da Nova*

CERTO DIA, em 1909, o engenheiro-chefe do metrô de Paris foi convidado a fazer uma conferência na famosa École des Beaux-Arts. «Meus senhores», ele começou, «dedicarei a palestra de hoje ao concreto armado...» A sua voz foi imediatamente submergida por vaias e assobios dos estudantes revoltados, que estavam convencidos de que esse novo material de construção era bom para pontes e barragens, mas não interessava a arquitetos *refinados*.

Um jovem estudante suíço chamado Charles-Edouard Jeanneret ficou tão irritado com as vaias que saiu da Beaux-Arts mais decidido que nunca a provar ao mundo que o concreto armado tinha possibilidades ilimitadas. A essa altura, Jeanneret, que jamais terminou o curso de Arquitetura, fazia um estágio de aprendizagem com Auguste Perret, um pioneiro francês que já desafiava a tradição arquitetônica construindo casas de concreto e vidro. «Minha luta contra meus amigos será uma luta contra a ignorância deles», o jovem rebelde escreveu ao seu primeiro professor de desenho, em



FOTOS DE LUCIEN BIERVE

Le Corbusier em seu atelier

La Chaux-de-Fonds, sua terra natal. «O concreto armado será um novo e audacioso marco na história dos monumentos humanos.»

Essas palavras proféticas, escritas quando mal completara 21 anos, resumiam a missão a que ele dedicaria a sua vida e que faria de Le Corbusier (pseudônimo adotado para diferenciá-lo de dois parentes Jeanneret com quem ele trabalhou algum tempo) o mais criativo e controverso arquiteto dos tempos modernos.

Fantasia Visionária. O concreto armado é um material relati-

Vítima de reveses e insultos enquanto viveu, este Leonardo moderno é hoje reconhecido como um dos mais criativos e controvertidos arquitetos do mundo

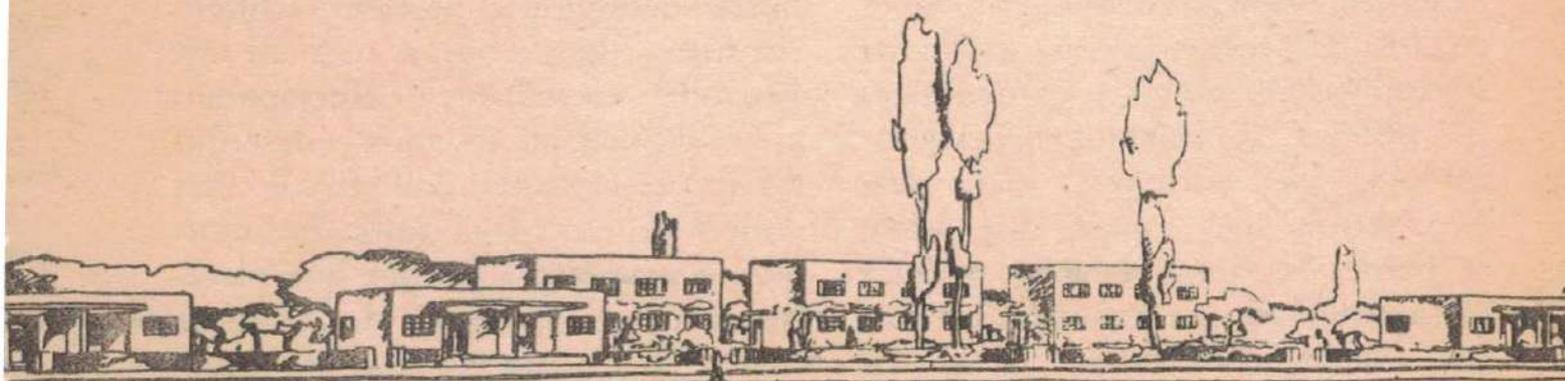
Arquitetura

CURTIS CATE

vamente barato e universalmente disponível, que tem a dureza da pedra, a resistência à tração do aço e pode ser moldado sob quase qualquer forma. O que Le Corbusier podia fazer com esse material, ele próprio descreveu, em 1914, quando o Exército alemão, recuando, deixou atrás de si dezenas de cidades destruídas na Picardia e em Flandres. Em vez de penosamente reconstruir em tijolo e pedra as casas destruídas, ele propunha erguer estruturas pré-fabricadas compostas de pisos de concreto montados em vigas de concreto armado, que os donos mais tarde poderiam «preencher» com as janelas, portas e paredes que quisessem. Patenteada como a «casa-



As casas cúbicas de Le Corbusier, em concreto armado, com jardins suspensos no lugar de telhados e chaminés. Foram construídas em Pessac, em 1926. Embaixo, desenhos do arquiteto ilustrando a sua teoria da «casa-dominó»





-dominó» (porque podia ser montada em vários formatos e séries), foi rejeitada como a fantasia de um jovem sonhador, e a França teve de esperar mais 15 anos antes de aceitar oficialmente esse tipo de casa pré-fabricada.

Projetos subsequentes exibiam o mesmo gênio visionário. Já em 1915 Le Corbusier imaginava cidades construídas sobre pilotis, a fim de separar completamente os pedestres do tráfego de veículos. «Telhados caídos», ele afirmava, «são desnecessários, e o espaço que assim se perde nas áreas urbanas poderia ser aproveitado para jardins suspensos, sobre superfícies planas de concreto à prova de água.»

Fachada sudeste da igreja assimétrica de Ronchamp, aparecendo a torre em forma de silo e o telhado curvo

Ele e seu primo Pierre Jeanneret, em 1924, causaram sensação quando tentaram construir um grupo de casas recoberto de cimento líquido uma forma de tela de aço. Le Corbusier desenhou o primeiro edifício em forma de losango à volta de um vão de elevadores — antecipando assim de mais de 25 anos o desenho do impressionante edifício da Pan American, em Nova York. Foi também o primeiro a propor que plataformas para lavagem de vidraças fossem suspensas do alto de edifícios com fachada de vidro, uma

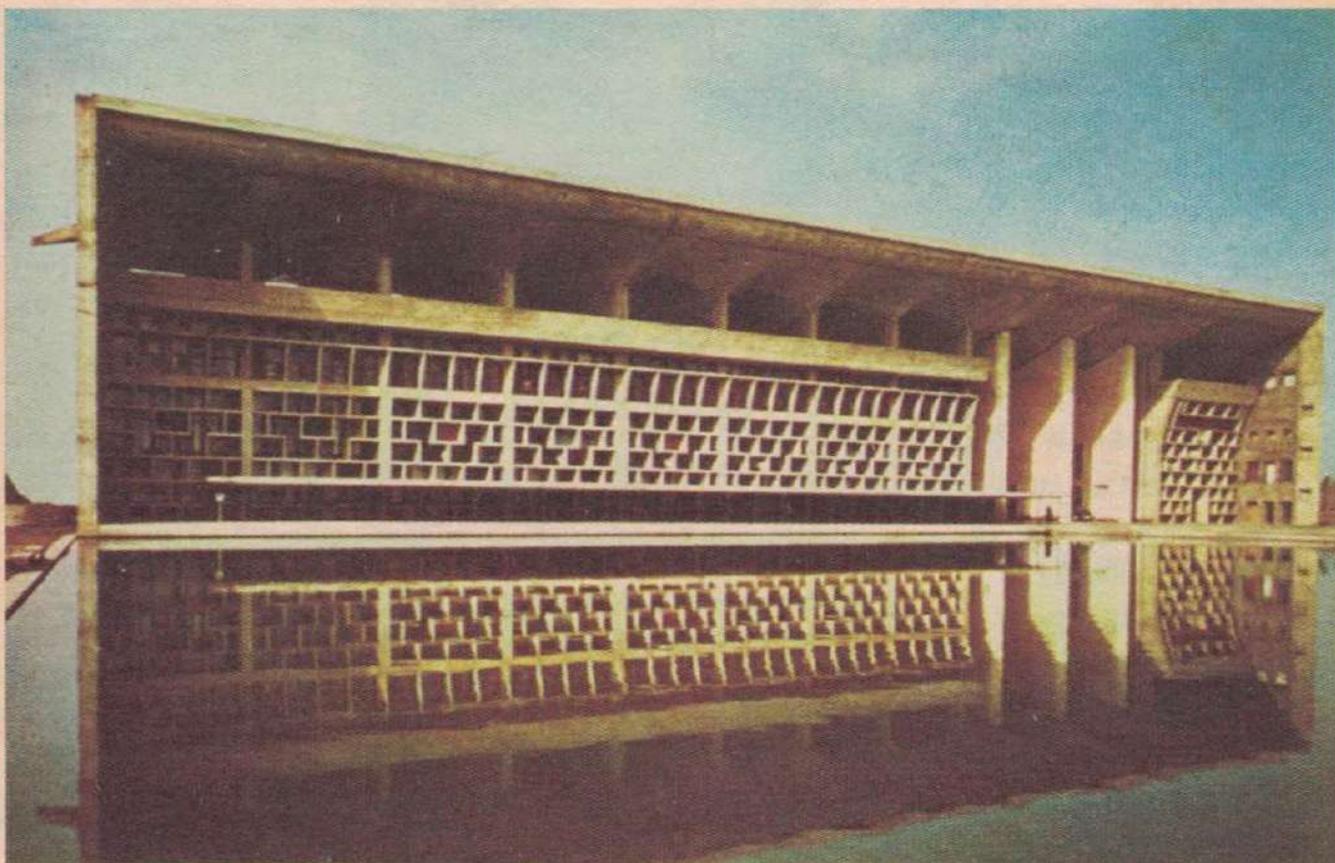
técnica hoje adotada em quase todos os prédios altos.

Mais importante, no entanto, foi a contribuição de Le Corbusier para o «estilo internacional» da moderna arquitetura, com a criação dos prédios sobre pilotis, que se deve a ele mais que a ninguém. Assim eram o Centrosoyus, edifício que ele desenhou em Moscou, em 1928, o pavilhão suíço da Cidade Universitária, de Paris, construído em 1932, e o Ministério da Educação, que ele e seus discípulos, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, projetaram em 1936, no Rio de Janeiro.

Sete Instrumentos. De seu pai, decorador de relógios, e da mãe, pianista, Le Corbusier herdou um

interesse por todas as artes. Não era apenas arquiteto, mas pintor, gravador, escultor (esculpia em madeira, em colaboração com seu amigo Joseph Savina), desenhista de móveis e tapetes, excelente escritor, e até poeta, às vezes — daí seu colega Eero Saarinen tê-lo certa vez chamado de «o Leonardo do nosso tempo».

Para Le Corbusier, a arquitetura não era apenas um trabalho; era um sistema de vida que deveria expressar o espírito da Idade da Máquina. Foi isto que ele, seu primo Pierre e o pintor Amédée Ozenfant começaram a proclamar no princípio da década de 1920, numa série de manifestos. «A casa»,



Edifício do Supremo Tribunal, em Chandigarh. A fachada se reflete na água. Com este reflexo, Le Corbusier buscava dar mais altura ao prédio, que é cercado pelas Montanhas do Himalaia

diziam, «é uma máquina de morar.» Consequentemente, casas e prédios de apartamento, e até os móveis que os guarneciam, deveriam ser funcionais como os automóveis, vagões pullman e navios.

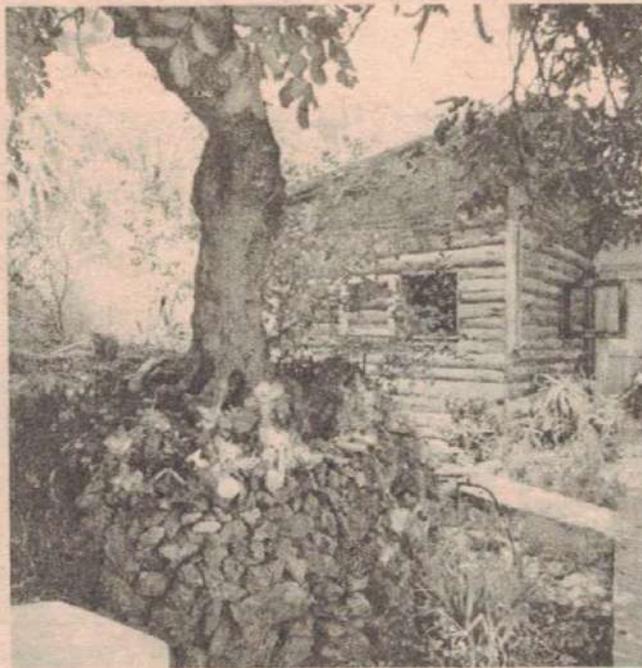
Mas mesmo isto era apenas um suave prelúdio para o escândalo que se seguiria: uma proposta para que fosse erguido um conjunto de 18 arranha-céus de 25 andares num parque de Paris, bem ao lado do Sena e da Notre-Dame. Vias elevadas e altos prédios de escritórios deixariam a superfície livre para jardins, pequeno comércio e para o passeio de pedestres.

Apresentado na Exposição Internacional de Artes Decorativas, em 1925, em Paris, o projeto desencadeou tal escândalo que o pavilhão onde a maquete era exibida foi isolado do público por cinco metros de cerca. Mas o mesmo escândalo tornou o arquiteto famoso internacionalmente.

Muito antes de o tráfego urbano se tornar o pesadelo que é hoje, Le Corbusier preocupava-se com problemas como poluição do ar, engarrafamentos de trânsito, o alastramento de subúrbios, densidade populacional e a praga das áreas in-

dustriais. Coisas como essas, àquela altura nem sequer mencionadas, preocupavam-no tanto que já em 1935 ele se referia ao moderno habitante de cidades como «uma planta num porão escuro», forçada a inalar fumaça e sujeita aos ruídos constantes do tráfego, que destroem os nervos e exaurem o indivíduo.

Atraindo Tempestades. Talvez nenhum arquiteto neste século tenha sido vítima de tantos reveses. «Sou um condutor de raios. Eu atraio tempestades», disse certa vez Le Corbusier de si próprio. Um dos primeiros reveses foi o «Escândalo Pessac», em 1926. Le Corbusier



*A cabana de Le Corbusier,
em Roquebrune*

construía um conjunto suburbano, com 51 casas em forma de cubo, de concreto armado, com paredes externas e internas de cores diferentes e jardins suspensos em vez de telhados e chaminés. As autoridades ficaram tão revoltadas com a aparência de Pessac que declararam as casas «inabitá-

veis», recusaram-se a fornecer água e durante três anos impediram que fossem ocupadas. Na Suíça, onde nasceu, foi chamado «cavalo de Tróia» do comunismo. Em Moscou, o seu projeto para o Palácio dos Soviéticos, em forma de leque, com

um teto «flutuante» de concreto, suspenso por oito vigas de aço e um arco parabólico, foi condenado como «arquitetura notoriamente capitalista». Em Paris, o seu *Musée à croissance illimitée*, um museu projetado para crescer de dentro para fora, num «quadrado concêntrico» de caminhos e gramados, foi recusado, para ser construído, 20 anos depois, na cidade de Ahmedabad, na Índia.

O que espanta é que Le Corbusier tenha conseguido construir alguma coisa. Realmente, ele às vezes estava tão sem dinheiro que nem podia permitir-se visitar obras menores que lhe caíam às mãos, tais como vilas particulares. Mas amigos e admiradores compravam os seus quadros (a sua primeira exposição importante realizou-se em 1938), e os livros que ele estava escrevendo à razão de um por ano traziam algum dinheiro. Atraídos pelos seus livros, jovens arquitetos de 19 países diferentes acorriam ao seu *atelier* da Rue de Sèvres, para trabalhar com ele, embora fosse tão pobre que não podia pagá-los. Entre estes estavam alguns nomes hoje famosos como José Luis Sert, da Espanha, George Candilis, da Grécia, André Wogensky, da França, Yosizaka Takamasa, do Japão, e Kim Chun Up, da Coreia.

Em 1946, Le Corbusier projetou um prédio de apartamentos para uma «comunidade» de 1.600 pessoas. Construída em Marselha, esta sombreada «Cidade Radiosa», como Le Corbusier gostava de chamá-la,

não tinha nada de parecido com os conjuntos residenciais comuns financiados pelo governo. Cada um dos seus 337 apartamentos era um duplex com uma sala de estar com pé-direito de 4,5 m, ligada a quartos de dormir menores, acima ou abaixo. Usando a cobertura para um ginásio e uma creche e esculpindo elegantemente as chaminés que davam saída aos exaustores das cozinhas e às fornalhas de aquecimento, ele provou que um grande prédio de apartamentos poderia ser projetado com a mesma economia de um transatlântico. Quando o mundialmente famoso arquiteto Walter Gropius visitou a obra pronta, não conseguiu conter a sua admiração: «Qualquer arquiteto que não achar lindo este prédio, é melhor largar os seus lápis.»

Aonde fosse, agora, Le Corbusier era recebido como um dos mais inventivos «criadores de formas» do século. A Índia convidou-o para projetar Chandigarh, a nova capital do estado do Punjabe Oriental; Tóquio encomendou-lhe um museu; Veneza, um hospital, e a Universidade de Harvard pediu-lhe o projeto para o seu Centro de Artes Visuais. Na América Latina, os seus pilotis aparecem no Centro Cívico de Bogotá e na zona residencial de Brasília.

Ninguém é Profeta... Se alguma vez um profeta foi rejeitado em sua terra de adoção, esse profeta foi Le Corbusier. Embora se tivesse estabelecido na França durante a Primeira Guerra Mundial, optado

pela cidadania francesa em 1930 e casado com Yvonne Gallis, uma morena de olhos escuros, de Monte Carlo, os seus detratores franceses continuavam a atacar a sua obra. Até a famosa igreja de peregrinações em Ronchamp foi atacada publicamente, no princípio. Construída num pico cortado por ventos e cheio de neblina, perto da cidade suíça onde Le Corbusier nasceu, a igreja, deliberadamente assimétrica, tem uma torre em forma de silo, ao lado de um telhado curvo, que, dependendo do ponto de vista, sugere o telhado de palha de uma cabana, a quilha de um veleiro, a coifa de uma freira ou uma concha de marisco.

O próprio Le Corbusier era uma personalidade contraditória, que podia recusar-se a receber um funcionário do governo («Não tenho tempo a perder!») ao mesmo tempo que abria as portas do seu escritório a um aluno da Beaux-Arts que vinha queixar-se do academismo dos seus professores. Exigia o melhor dos seus subordinados e os obrigava a trabalhar duro, tanto quanto ele próprio trabalhava. Mas sabia ouvir. Muitas vezes entregava a um aprendiz o rascunho embrionário de uma idéia arquitetônica e mandava-o testá-la e desenvolvê-la. Se as críticas ou sugestões do jovem lhe parecessem válidas, Le Corbusier dizia: «Interessante! Não tinha pensado nisso!» e mudava as suas idéias de acordo com a sugestão.

O seu olho de pintor fascinava-se sempre com o jogo de luzes sobre

estruturas. No Mosteiro de La Tourette, perto de Lião, projetou uma capela cujos espaços vazios de concreto azul-claro e vermelho profundo cantam à luz do dia que desce através de chaminés ricamente coloridas. Mais dramáticos ainda são os jogos de luz que ele projetou para Ronchamp, onde as paredes vermelhas da torre em forma de silo espalham um brilho de rubi no altar que celebra o mistério da Paixão.

A sensação que ele buscava com esses efeitos era «envolvimento espiritual». E conseguiu-o, a ponto de um padre dominicano ter dito que Le Corbusier, um incréu à sua maneira, era, na verdade, um «místico sem dogma».

Uma das edificações favoritas do arquiteto era a cabana de madeira que ele construiu em Roquebrune, no Mediterrâneo. Não chegando a medir quatro metros por quatro, era pouco mais que uma cela de eremita, mas era o que Le Corbusier queria. Mesmo depois do falecimento da mulher, em 1957, ele se recolhia aí para descansar. E foi nessa localidade, enquanto nadava no mar, que sofreu um ataque de coração e morreu, em 27 de agosto de 1965.

O seu corpo foi levado para Paris, onde recebeu honras oficiais, no Louvre, e um elogio fúnebre no qual André Malraux, então Ministro da Cultura, rendeu homenagem ao homem que «transformou a arquitetura... e o arquiteto». Mas foi ao lado de sua mulher, no cemiteriozinho de Roquebrune, que ele foi enterrado, conforme seu desejo.

Le Corbusier deixou 80 construções, cerca de 40 tapeçarias, perto de 50 esculturas (algumas das quais estão hoje num museu de aço e vidro que ele projetou para Zurique), mais de 400 telas, quase 40 livros e numerosas litografias. Além disso, deixou planos detalhados para a reconstrução de 30 cidades e para 7.000 outros projetos, que foram recolhidos no porão do seu estúdio e agora estão guardados numa

das suas primeiras criações em Paris — a Ville La Roche, hoje Fundação Le Corbusier.

Como escreveu o seu amigo Walter Gropius: «Equilíbrio, uma profusão de arquitetura, de poesia e de espírito inventivo caracterizaram a vida e a obra desse homem universal. Em todos os campos do urbanismo e da arquitetura, ele contribuiu com soluções básicas e criativas que lhe sobreviverão.»



UM AMIGO MEU, oficial do Exército, casado e com 10 filhos, descobriu um processo de reduzir a despesa da família quando se hospedam em motéis, nas constantes mudanças que a sua carreira lhe impõe. Sua mulher vai num carro com cinco filhos, e ele noutra, com os outros cinco. Ele sai de manhã bem cedinho e viaja até às três horas da tarde, hospedando-se num motel com metade da família. A mulher sai depois do almoço, com o resto da meninada, à mesma hora em que o marido parou para descansar, e viaja todo o resto da tarde e parte da noite até chegar ao mesmo motel e por o marido de pé novamente e a caminho. Ela dorme então, calmamente, com os cinco filhos que a acompanham, até à hora de completar a diária do motel. No dia seguinte, o processo repete-se. Encontraram assim uma maneira de dormirem 12 pelo preço de seis.

— H. R. A.



QUANDO eu estava na faculdade, minha mãe escrevia-me longas cartas que eu nem sempre respondia logo. Certa vez escreveu: «Junto a esta vai dinheiro para um par de sapatos» — mas não havia dinheiro algum no envelope. Escrevi-lhe uma grande carta, terminando com palavras escolhidas, mencionando delicadamente o seu esquecimento. Poucos dias depois, recebi outra carta dizendo que me enviava dinheiro para comprar um suéter. Mas também não vinha dinheiro algum. Respondi que realmente não precisava de um suéter novo. A carta seguinte esclareceu as anteriores: «Não fique zangada, mas usei este recurso para ter notícias de vez em quando.»

— S. R.